



## *Discurso de Posse*

Sala de reunião por videoconferência, Belém (PA), 9 de abril de 2022.

Página | 1



Discurso proferido pela nova sócia efetiva

*Michelle Rose Menezes Barros de Queiroz*

*Por ocasião da Sessão Solene de Posse da Cadeira Nº 5, patronímica de Antônio Ladislau Monteiro Baena*



*B*oa noite!

Ilustríssima presidente e querida prof.<sup>a</sup> Anaíza Vergolino e Silva.

Gostaria de saudar a mesa dirigente deste dileto Instituto e a todos os sócios e sócias aqui reunidos. Na oportunidade, saúdo e agradeço a todos os presentes, familiares e amigos e amigas queridos que me dão a honra ao prestigiarem a solenidade de posse como sócia efetiva do IHGP e compartilhar comigo da alegria em fazer parte dessa Instituição por quem tenho imenso apreço e para qual espero contribuir com a relevante atuação que já lhe é reputada. Tenho a honra ainda de compartilhar meu ingresso a esse Silogeu juntamente às sócias eleitas, Joaquina Teixeira, Sidiana Macêdo e com o sócio Carlos Augusto Bastos. Expresso minha gratidão ao professor Aldrin Moura de Figueiredo, de quem fui aluna, e com que sempre estou criativamente a aprender. Sinto-me agraciada por suas palavras de apresentação e seu acolhimento afetuoso.



2. Hoje, além do memorável ensejo de ingressar a esta importante instituição, tenho ainda a dupla satisfação em ocupar a cadeira nº 05, patronímica de Antônio Ladislau Monteiro Baena, a quem me dediquei com pesquisas sobre sua vida e obra.

3. Foi por meio de seus escritos que o conheci. Diante da clássica obra *Compêndio das Eras da Província do Pará*, fulcral para os intérpretes da história da Amazônia, encontrei um português militar dedicado a narrar a “história privativa do Pará”, como diria, de 1615 a 1823. Nome e referência, portanto, para muitos que procuram a História para respostas em seus mais diferentes objetivos e objetos.

4. Além de um nome relevante e referência, Antônio Baena, filho de Maria do Resgate Monteiro Baena e João Sanches Baena, nascido em Lisboa provavelmente em 1782, foi um sujeito atuante na capitania, mais tarde, província do Grão-Pará. Vivenciou os momentos de grande turbulência político-social nas primeiras décadas dos Oitocentos e, durante eles, produziu consideráveis trabalhos que repercutem em muitos escritos até os nossos dias.

5. Seu estudo corográfico, fruto do trabalho como secretário da comissão responsável pela estatística da província em 1832, fornece um grande quadro da porção ao Norte do Brasil. Foi nele que entendi seu esforço em demonstrar uma província a ser desvelada. Encontrei a obra emprenhada do autor. Estava ali a composição de um Grande-Pará. Sua descrição, quase a nos transpor aos “incógnitos portentos da natureza” amazônica, me inquietou com a força das águas, com a majestade da vegetação. O que dizer, então, das muitas virtudes das plantas, conhecimentos indígenas legados aos moradores: guaraná para diarreias, priprioica para febres, leite de maçaranduba para dores no peito, leite de sucuíba para inflamações, folha do arvoeiro para hérnias e tantas outras? Se o olhar repousa no recreio e na utilidade de uma rica e diversa natureza amazônica, também enxerga a frustração com o trato dado a ela. À sua descrição juntam-se uma crítica contundente e recomendações aos paraenses para fazerem germinar as riquezas da terra.



6. De cadete em Lisboa a tenente-coronel em Belém, Antônio Baena conheceu o Pará em suas diversas atuações administrativas e militares. Veio em missão no ano de 1803, acompanhando o nomeado governador e capitão-general Dom Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos. Meses antes, servia como cadete do regimento de Mecklemburgo em Lisboa. Foi no Pará que galgou várias posições militares. Em 1818, o então quartel-mestre foi nomeado ajudante do Corpo de Artilharia do Pará. Dois anos depois foi promovido a sargento-mor da 4ª Companhia do Corpo de Artilharia e, logo depois, nomeado cavaleiro da Ordem de Aviz. Foi major e chegou ao posto de tenente-coronel. Sua vida na carreira militar também sofreu tensos e delicados momentos de demissão e destituição do cargo.

7. Em um dos drásticos momentos de sua vida, foi sentenciado com a pena de morte pelo Conselho de Guerra por ter abandonado a tropa que liderava contra um motim em Cameté em 1826. Após meses, sua pena foi convertida em prisão e demissão. Se sua vida foi salva, sua honra e reputação saíram feridas pela acusação de covardia no motim abandonado. Conhecido e questionado, enfrentou a crítica nas ruas, nos corredores, nas páginas de jornais de seus contemporâneos.

8. Encarregado de muitas missões, também aplicou algumas lições. Foi professor de matemática no centro de ensino militar da capitania, propondo diretrizes para servir de regulamento à Escola Militar. Um de seus alunos, Felipe Patroni, exaltou seus “vastos” conhecimentos de Literatura e suas “virtudes sociais”, considerando-o uma das colunas do “Templo das Ciências” no Pará.

9. Num contexto em que muitos portugueses optaram em regressar a Portugal, Antônio Baena continuou servindo no Pará, apesar dos intervalados momentos de destituição do cargo. Mas não foi unicamente nos serviços militares e administrativos que se envolveu. Atuou com afinco em escrever o Pará, em fazê-lo conhecer ao recente Império brasileiro. Suas preocupações o instigaram a escrever obras que pudessem ser utilizadas pela ordem vigente. Suas produções revelam, muito além do conteúdo descrito, sua



participação ativa em comissões e expedições e são resultados de trabalhos que lhe foram confiados.

10. Como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, teve alguns de seus trabalhos publicados pela “Revista Trimestral”, de circulação nacional e internacional, logo em seu primeiro número no ano de 1839. Nela, encontramos o ilustrado sócio e seus anseios em propagar as luzes do saber, as lições da História mestra. Entre seus honrados biografados, suas Memórias da cidade e das fronteiras da província, Antônio Baena revisitava a terra e a sua gente amazônica. Não seria justo, diante de tanta riqueza, não virar os olhares e atenções ao Norte, como escreveu, não seria justo “adegalçar [afinar] a cabeça do continente brasílico para lhe engrossar a cauda”, não seria justo, formar um Império e não conhecer a potencialidade e integrar a província.

11. Casado com Maria Bruno Rodrigues Siqueira Baena, foi pai de nove filhos. Ao primogênito, João Sanches Monteiro Baena, cônego diácono da Catedral do Pará, falecido ainda jovem, dedicou uma biografia. Seu segundo filho, quase com o mesmo nome (Antônio Nicolau Monteiro Baena) fez carreira política e deu nome a uma das travessas de Belém, a travessa Antônio Baena.

12. Sua derradeira obra, um drama, intitulado A sorte de Francisco Caldeira Castelo Branco na sua fundação da capital do Grão-Pará foi enviada ao IHGB no ano de sua morte. A epidemia de febre amarela que grassava Belém, em 1850, atingiu fatalmente o militar, o professor, o escritor. Durante os 47 anos, viveu o seu Grande-Pará, onde vida e obra se entrelaçaram de forma indelével. Antônio Baena ainda me instiga a argui-lo com muitas perguntas. O tempo as trará oportunamente, pois suas obras são fontes de ricos trabalhos.

13. Dedicando-lhe algumas páginas, também estive o sócio historiador Emanuel Pontes Pinto, in memoriam, último ocupante da cadeira nº 05, que honrosamente assumo hoje e sobre ele me dirijo agora.



14. Convicto de que nunca é tarde para aprender, o sócio Emanuel Pontes Pinto retomou seus estudos, sonhos de menino, e concluiu sua graduação em História em 1986 pela Universidade Federal de Rondônia, após uma longa trajetória de trabalho e atuação naquele Estado. Nascido em 10 de maio de 1924, no Ceará, morou em Icoaraci com seus pais, Maria Lídia Pontes Pinto e João Batista Pinto, onde iniciou seus estudos e concluiu até o antigo terceiro ano ginásial. Durante a adolescência trabalhou no seringal da família em Belém e, ainda jovem, foi trabalhar nas minas de ouro em Calçoene, no Amapá, transferindo-se, anos mais tarde, para Porto Velho, animado com as notícias de outros seringais em Rondônia na década de 1940.

15. Tornou-se conhecedor da região e dos seringalistas, foi funcionário da prefeitura de Porto Velho, tornando-se posteriormente, proprietário do jornal “O Guaporé”, onde já havia atuado como repórter, revisor, chefe de revisão e redator chefe. Dono de seringais, também se envolveu por um curto período na carreira política na suplência da Câmara dos Deputados e como prefeito de Porto Velho, nomeado pelo governador, exercendo o mandato apenas no ano de 1974.

16. Sua carreira acadêmica iniciou a partir dos anos de 1980. Após a graduação em História, obteve o título de mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1992, apresentando a dissertação Território Federal do Guaporé - Fatos de Integração da Fronteira Ocidental do Brasil, publicada posteriormente. Produziu no total sete livros e outros ensaios e artigos, dentre os quais estão Caiari, lendas, proto-história e história e o livro Real Forte Príncipe da Beira - símbolo da conquista e dominação do Vale do Guaporé.

17. Foi professor substituto na Fundação Universidade Federal de Rondônia. Sócio fundador da instituição congênere, o Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia, e da Academia de Letras de Rondônia. Foi membro do Instituto Brasil-Bolívia, Instituto Cultural Brasileiro Peruano Marechal Ramon Castilla, no Rio de Janeiro, e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, em Curitiba.



18. Foi casado com Carmem Pontes Pinto com quem teve dois filhos: Emanuel Júnior e Ana Lúcia. Ingressou neste Instituto em 2014 e faleceu aos 96 anos de idade em 20 de setembro de 2020, ainda a completar um ano, na cidade do Rio de Janeiro. No Museu de Gentes de Rondônia, encontramos um relato de sua vida, narrada por ele mesmo, que nos traz a oportunidade de ouvi-lo e conhecer um pouco mais da sua história.

19. Que o legado, de vida e obra, de homens como Antônio Baena e Emanuel Pinto, seja um contributo para muitos outros.

20. Por fim, se me permitem marcar um lugar de memória e seus quadros de referência para estar aqui, diria que 1998 foi o ano de meu ingresso no curso de História e os mestres, professores e professoras, além de minha orientadora, a quem tenho grande estima, Magda Ricci, foram vela e nau que me conduziram até aqui. Reitero meu anseio em ver prosperar este estimado Instituto, contribuindo na sua história e com suas ações, para que continue a ser um patrimônio inarredável de nossa sociedade.

21. Parafraseando o museólogo e poeta Mário Chagas, que o fez com Mário de Andrade “há uma gota de sangue em cada museu”, e eu diria, em cada instituição de memória como este Instituto, de tantos homens e mulheres que o construíram, e ainda o fazem, no desejo de fazer brilhar a história do Vale Amazônico. E é neste lugar de fala que me coloco a partir de hoje, pelo ofício que me escolheu, e não somente que eu escolhi.

*Muito obrigada!*

